

Formação de lideranças linguísticas e professores indígenas Xetá no Paraná: a contribuição de Aryon Dall'Igna Rodrigues

*Lucio Tadeu Mota*¹

*Maria Simone Jacomini Novak*²

*Rosangela Célia Faustino*³

RESUMO.

Neste texto discutimos a importância do trabalho do professor Aryon Dall'Igna Rodrigues na pesquisa, na formação de lideranças linguísticas Xetá no Paraná e na produção de fontes e materiais didáticos Xetá. Apresentamos o Projeto *Jané Rekó Paranhá* (O contar de nossa existência): Programa Interinstitucional e Multidisciplinar de Pesquisa sobre o Povo Xetá, desenvolvido pelo Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História da Universidade Estadual de Maringá (UEM) em parceria com o Laboratório de Línguas Indígenas (LALI) da Universidade de Brasília (UnB), com a participação de pesquisadora da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), do Museu Paranaense, de gestoras da SEED-PR e do povo Xetá, no período de 2010 a 2013. Essa ação ocorreu 50 anos depois de o professor Aryon ter estado em pesquisa de campo com grupos Xetá, na Serra dos Dourados, noroeste do Paraná. A participação do professor Aryon no *Jané Rekó Paranhá* possibilitou a formação de lideranças linguísticas e de professores Xetá, a produção do primeiro Vocabulário Ilustrado Xetá, a produção de obra literária e outras fontes e materiais na língua Xetá bem como a inserção e fortalecimento da cultura e língua Xetá no currículo escolar intercultural.

Palavras-Chave: Povo Xetá; Lideranças Linguísticas; Formação de professores; Materiais Didáticos

ABSTRACT.

In this text, we discuss the importance of Professor Aryon Dall'Igna Rodrigues's work in research, in the training of Xetá linguistic leaders in Paraná, and in the production of Xetá language resources and teaching materials. We present the

1 Universidade Estadual de Maringá.

2 Universidade Estadual de Maringá

3 Universidade Estadual de Maringá

Jané Rekó Paranhá Project (“The Telling of Our Existence”): an Interinstitutional and Multidisciplinary Research Program on the Xetá People, developed by the Laboratory of Archaeology, Ethnology, and Ethnohistory of the State University of Maringá (UEM), in partnership with the Indigenous Languages Laboratory (LALI) of the University of Brasília (UnB), and with the participation of researchers from the Federal University of Mato Grosso (UFMT), the Paranaense Museum, administrators from SEED-PR, and the Xetá people, between 2010 and 2013. This initiative took place fifty years after Professor Aryon conducted fieldwork with Xetá groups in Serra dos Dourados, in northwestern Paraná. Professor Aryon’s participation in Jané Rekó Paranhá enabled the training of Xetá linguistic leaders and teachers, the production of the first Illustrated Xetá Vocabulary, the creation of literary works and other resources in the Xetá language, as well as the integration and strengthening of Xetá language and culture in the intercultural school curriculum.

Keywords: Xetá People; Linguistic Leadership; Teacher Training; Teaching Materials

Introdução

O povo Xetá é conhecido e nominado, na literatura, nos relatos de viajantes e fontes documentais, com nomenclaturas diversas, encontrando-se os termos Botocudo, Héta, Chetá, Setá, Ssetá, Aré e Yvaporé. Esse povo foi a última etnia indígena contatada no Paraná, quando a frente de ocupação cafeeira chegou ao território Xetá que se estendia pela margem esquerda do baixo rio Ivaí até sua confluência no rio Paraná, no final da década de 1940 e início de 1950.

Conforme Mota (2013), a presença Xetá no rio Ivaí e seus afluentes é registrada por viajantes e exploradores dos territórios da bacia do rio Ivaí desde a década de 1840, no século XIX, quando as expedições de Antônio Pereira Borges e Francisco Ferreira da Rocha Loures chegaram, em 1842, na confluência do rio Ligeiro no rio Ivaí e ali encontraram diversas moradias dos Xetá. Três anos depois, em 1845, Joaquim Francisco Lopes e John Henry Elliot, que trabalharam para o barão de Antonina, fizeram contato com alguns Xetá nas imediações da foz do rio Corumbataí, no rio Ivaí.

Em 1872, o engenheiro inglês Thomas Bigg-Whiter capturou um pequeno grupo Xetá nas proximidades do Salto Ariranha, também no rio Ivaí. No início do século XX, em 1910, o botânico Albert Vojtech Fric ouviu relato dos Kaingang sobre a presença de pequenos grupos Xetá no médio rio Ivaí, no interflúvio dos rios Ivaí e Corumbataí, local muito acima de onde os Xetá haviam sido contatados nos anos de 1950. Com esse grupo Kaingang, Fric encontrou alguns Xetá, junto aos quais efetuou um primeiro registro de vocabulário.

A partir desses contatos e da expropriação territorial, muitas foram as perdas e os processos vivenciados pelos Xetá (Mota, 2013). Com resistência, lutas e organização dos remanescentes, como *Kuein*, *Tikuen*, *Tuca*, *Á* (Maria Rosa), *Tigua* (Maria Rosa Brasil) e outros, conseguiram reorganizar sua existência como etnia Xetá, fazer a formação permanente das novas gerações Xetá, demandar o direito ao território que lhes fora retirado, acessar os direitos fundamentais internacionais que os povos indígenas detêm e revitalizar sua língua Xetá, que pertence ao tronco tupi-guarani. Conforme estudos da UNESCO, “[...] la extinción de una lengua significa la pérdida irrecuperable de saberes únicos, culturales, históricos y ecológicos. Cada lengua es una expresión irremplazable de la experiencia humana del mundo” (UNESCO, 2003, p.2).

Com resistência e disposição, o povo Xetá protagonizou sua reorganização cultural e luta, permanentemente, pela garantia de seus direitos com ações para a formação de jovens lideranças que buscaram a “sustentação linguística” (Amaral, 2020), a organização de eventos, a produção de materiais escritos e o fortalecimento da língua Xetá.

Com uma política educacional fundamentada na interculturalidade e no bilinguismo (Faustino, 2006) e uma política estadual de formação superior para os povos indígenas no Paraná (Novak, 2014), os Xetá continuaram a instar o Poder Público para o acesso aos direitos territoriais; a SEED e as universidades para apoio às suas demandas formativas e educacionais específicas; e as lideranças indígenas das terras indígenas nas quais foram instalados, para inserção da língua e cultura Xetá no currículo da educação básica indígena.

Este artigo busca apresentar a importância da participação do professor Aryon Rodrigues na ação interinstitucional e coletiva, do Projeto *Jané Reko Poranuhá*: (O contar de nossa existência) Programa Interinstitucional e Multidisciplinar de Pesquisa sobre o Povo Xetá,¹ executado nos anos de 2010 a 2013 e inserido nas ações da Coordenação da Educação Escolar Indígena da SEED-PR. Contando com um trabalho coletivo, envolveu pesquisadores da UEM (LAEE), pesquisadores da UnB (LALI), da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), do Museu Paranaense, servidoras técnicas da SEED-PR e mais de cem pessoas Xetá

1 O projeto foi cadastrado na UEM sob o nº 033/09-CPC e concorreu ao Edital 07/2008 – Pro-Cultura da CAPES. Submetido e coordenado pelo Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História da Universidade Estadual de Maringá (LAEE/UEM), em parceria com o Laboratório de Línguas Indígenas (LALI) da Universidade de Brasília (UnB), a pesquisadora Carmem Lúcia Silva da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), o Museu Paranaense, a Secretaria de Estado da Educação (SEED-PR) e o povo Xetá no Paraná.

dos territórios indígenas de São Jerônimo (São Jerônimo da Serra) e Kakané Porã (Curitiba) e de famílias Xetá residentes em municípios do noroeste do Paraná.

Os objetivos do projeto foram realizar oficinas pedagógicas com o povo Xetá na Terra Indígena São Jerônimo, na UEM, em Maringá e no Museu Paranaense, com a participação de pesquisadores do tema, gestores da SEED/PR e representantes do povo Xetá que vivem no Paraná; realizar visita monitorada da equipe de pesquisa, com os Xetá, ao Museu Paranaense; orientar projetos de pesquisa em nível de mestrado nos Programas de Pós-Graduação em História, Educação e Linguística das IES parceiras; publicar material didático e livros relativos aos aspectos linguísticos, culturais e históricos do povo Xetá; recuperar a história documental do povo Xetá nos diversos arquivos regionais do Paraná; revitalizar aspectos linguísticos, culturais e históricos do povo Xetá no Paraná por meio da memória de familiares de indígenas Xetá, contatados na Serra dos Dourados/PR, nas décadas de 1950 e 1960.

A partir de abril de 2010 até o final do ano de 2012, foram levantadas, reunidas, catalogadas e estudadas fontes documentais e referências bibliográficas sobre o povo Xetá no Paraná. Foram realizadas visitas técnicas, pesquisa de campo e dez oficinas pedagógicas para a elaboração do primeiro *Vocabulário Ilustrado Xetá* e demais materiais publicados.

O presente texto está organizado em três partes. Na primeira, fazemos um histórico do relevante e profundo trabalho do professor Aryon Dall'Igna Rodrigues com os Xetá na Serra dos Dourados no noroeste do Paraná; na segunda parte, descrevemos o projeto *Jané Rekó Paranhá* (O contar de nossa existência): Programa Interinstitucional e Multidisciplinar de Pesquisa sobre o Povo Xetá, que congregou uma equipe interdisciplinar de pesquisadores, cujo financiamento, por parte da Capes/Ministério da Cultura, e parceria da SEED-PR possibilitaram a efetiva participação de cerca de cem pessoas do povo Xetá no projeto, desde sua formulação e submissão, até seu relatório final; e, na terceira parte, apresentamos a produção didática que contribuiu para a formação de educadores Xetá, a inserção da língua Xetá no currículo escolar e a contratação de professores Xetá.

O trabalho de campo de Aryon Rodrigues com os Xetá na Serra dos Dourados na década de 1960

O trabalho do professor Aryon com os Xetá se deu logo após o retorno dele da Alemanha, em 1959. Ele havia defendido seu doutorado em fevereiro de 1959, na Universidade de Hamburgo, e permanecia como assistente no Departamento de Línguas e Culturas Africanas naquela instituição.

Sabendo que eu havia concluído o doutorado, Loureiro [Fernandes] me escreveu, convidando-me a voltar para a Universidade Federal do Paraná, para ensinar linguística no curso de Letras e

para trabalhar com línguas indígenas no Departamento de Antropologia. (...) deixei Hamburgo em dezembro de 1959 e, em janeiro de 1960 (...) encontrei-me com Loureiro em Curitiba. (Rodrigues, 2005, p. 57).

Chegando ao Paraná, foi contratado como professor em tempo integral na UFPR. Desde a Alemanha, o professor Aryon sabia das expedições do antropólogo José Loureiro Fernandes ao território Xetá, na Serra dos Dourados. Na UFPR, ele foi atualizado pelo etnógrafo e fotógrafo Vladimir Kozak sobre a situação desalentadora em que se encontravam os últimos grupos Xetá no noroeste do Paraná.

As frentes de colonização tinham chegado na região em que estes viviam, implementando o processo de ocupação do território com a abertura de estradas, retirada das matas, plantio de café e fundação de cidades, com o beneplácito do governo do Paraná que tinha negociado os territórios Xetá com as companhias colonizadoras: primeiro com a Cia Myamura, no governo de Moises Lupion (1947-1951), depois, com a Cia. Brasileira de Colonização – COBRINCO, no governo de Bento Munhoz da Rocha Neto (1951-1955)².

Autorizados e com recursos do Instituto de Pesquisa dirigido por Loureiro Fernandes, Aryon e Kozak organizaram a pesquisa de campo junto aos Xetá – “(...) segui em julho de 1960 com Kozak e o jovem índio Tuca” (Rodrigues, 2005, p. 59).³ No trajeto, passaram pela Terra Indígena Pinhalzinho (rio das Cinzas) para onde o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) tinha levado os Xetá adultos, *Nhango* e *Mã*, com seu filho menor. Esses três Xetá, juntamente com o chefe do posto do SPI, João Pereira Gomes Filho, foram incorporados à expedição que seguiu para Umuarama/PR e depois para os acampamentos Xetá na Serra dos Dourados, aonde chegaram no dia 19 de julho de 1960 e ficaram até o dia 29, conforme anotações do professor Aryon em suas Cadernetas de Campo.

Em suas memórias sobre Loureiro Fernandes, Aryon relatou parte de suas atividades junto aos Xetá:

Após alguns dias de busca, demos com duas famílias que estavam vivendo sozinhas na floresta, numa pequena aldeia em forma de elipse, com duas minúsculas casinhas, uma em cada extremidade da elipse. (...) Eram ao todo sete pessoas. Esses dois casais foram os últimos do povo Xetá que tentavam sobreviver na mata com seus filhos. (Rodrigues, 2005, p. 59).

2 Para maiores detalhes sobre a atuação dessas companhias e a resistência dos Xetá, ver MOTA, 2017.

3 O jovem Xetá que fez parte dessa expedição, chamado Tuca, era o menino capturado no início de 1952 e levado pelo SPI para Curitiba onde fora batizado como Tucanambá José Pereira; ele faleceu em 11/07/2007 em Curitiba. Seu nome Xetá era *Wa hay* ou *Ngwáka* – Arara Vermelha (Rodrigues, 2013^a, p.35). Sobre as expedições do Serviço de Proteção ao Índio (SPI), junto aos Xetá, ver MOTA, 2017.

Em setembro desse mesmo ano, na Semana da Pátria, “Voltamos à pequena aldeia, Kozak, Tuca e eu”. Esse foi o segundo campo do professor Aryon junto aos Xetá. As informações coletadas e anotadas no Caderno de Campo 1 informam que lá permaneceram no período de 4 a 12 de setembro. No ano seguinte, em janeiro de 1961, Aryon retornou à Serra dos Dourados para sua terceira pesquisa de campo, tendo iniciado suas atividades no dia 26 de janeiro, e permaneceu na localidade até o dia 14 de fevereiro.

Conforme o estudo de Vasconcelos (2008, p.5), “Os dados coletados na década de sessenta se caracterizam por registrar uma língua que ainda estava em uso por um grupo de seis pessoas monolíngues, sendo que Rodrigues se comunicou com elas com a ajuda do jovem Tuca, que então vivia em Curitiba e já sabia português”.

Em suas pesquisas linguística e etnográfica, o professor Aryon produziu dois cadernos de campo com inúmeras anotações e fez, provavelmente com a participação de Kozak, várias horas de gravações em áudio. Em suas anotações no Caderno de Campo 1 ele escreveu que estava preocupado com o fato de se o gravador, modelo Butoba, tinha resistido aos solavancos da viagem. Depois de testado, registrou que o equipamento estava funcionando bem. Esse gravador de áudio Aryon tinha trazido da Alemanha, sob encomenda de Loureiro Fernandes.

Quando morava em Hamburgo, Loureiro Fernandes me escreveu, pedindo que providenciasse equipamento para instalar, no futuro Departamento de Antropologia, um espaço adequado para a gravação da voz e para o trabalho com as línguas indígenas. (...) Também me enviou dinheiro para a compra de bom equipamento para gravação em trabalho de campo, tendo eu adquirido e trazido, pessoalmente, em minha volta, um dos melhores aparelhos que então eram fabricados: um gravador com motor de corda de precisão, o Butoba. (Rodrigues, 2005, p. 56-57)

No Caderno de Campo 1, uma caderneta de capa preta pautada, contendo 70 folhas, o professor Aryon numerou as páginas de 1 a 17, constando mais 41 páginas sem numeração. Das 70 páginas, ele fez anotações em 61 delas. Quase todas são escritas com canetas esferográficas e algumas, escritas a lápis. Há alguns desenhos de elementos dos Xetá. Ele deixou quatro páginas em branco, sem numeração no começo, e cinco páginas em branco no final. Em várias delas, no começo ou no meio da página, há anotações sobre o dia do mês e da semana em que estava escrevendo. Já o Caderno de Campo 2 é uma caderneta de capa marrom, quadriculada, sem linhas, com 125 folhas. Ela foi escrita a lápis, com exceção das duas últimas páginas que foram escritas à caneta. Não há numeração de páginas, mas encontramos, em

várias delas, anotações sobre a data e o nome do Xetá que estava informando o professor Aryon.

Quadro 01 – Pesquisas de campo de Aryon Rodrigues junto aos Xetá na Serra dos Dourados

Primeira pesquisa de campo				
Ano	Mês	Dias	Fonte de anotações	Descrição
1960	Julho	19 a 29	Caderno de Campo 1	As anotações do Caderno de Campo 1 indicam o início dos trabalhos numa terça-feira, dia 19/07. Ele informa que estão em 6 pessoas: Aryon, João e Kozak e acompanhados dos Xetá Nhengo, Tuca e Mã (p. 1) A última anotação traz, no cabeçalho da página, <i>Setembro de 1960</i> e palavras em Xetá com suas traduções.
			Caderno de Campo 2	Traz no cabeçalho da página 2 a anotação do dia 29.7.60, informa que está sendo informado pelo Xeta Tuca e segue até a p. 50 com anotações sobre formas de escrita de palavras e expressões em Xetá. Finaliza as anotações com o desenho estilizado de uma pessoa (p. 55).
Segundo pesquisa de campo				
Ano	Mês	Dias	Fonte de anotações	Descrição
1960	Setembro	04 a 12	Caderno de Campo 1	Nesse segundo campo, Aryon informa que saíram da cidade de Umuarama no dia 4 de setembro de 1960 (p. 59) ⁴ . E a última anotação é sobre formas de escrita de palavras em Xetá e seus significados em português (p. 67).
Terceira pesquisa de campo				
Ano	Mês	Dias	Fonte de anotações	Descrição
1961	Janeiro e fevereiro.	26 a 31 e 01 a 14	Caderno de Campo 2	Começa no dia 26/01/1961, fazendo anotações etnográficas e de parentesco do Xetá Tuca e termina no dia 14/02/1961, com a frase Xetá “ <i>eu vou dormir junto ao fogo</i> ”.

Fonte: Elaboração dos autores.

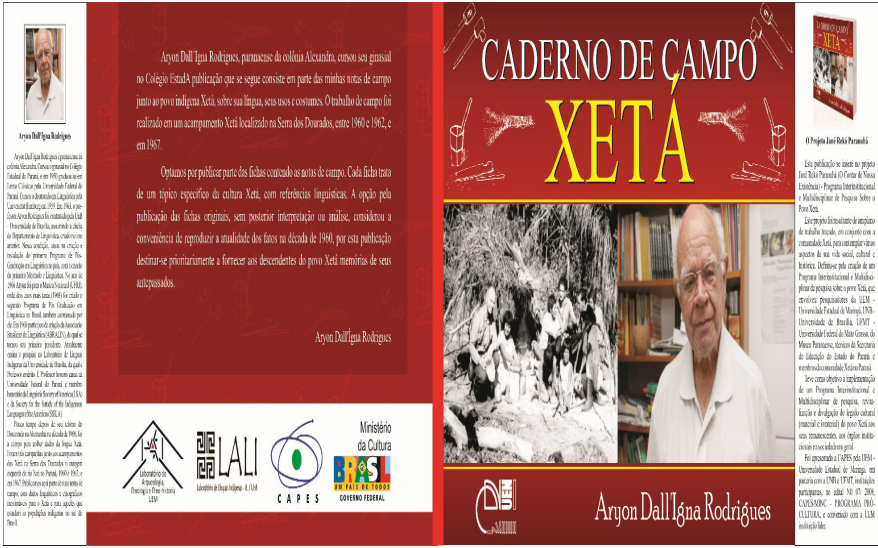
4 Vladimir Kozak informa, em uma anotação em seu diário, que saíram de Curitiba no dia 02/09/1960.

Em seus Cadernos de Campo, o professor Aryon fez registros não apenas sobre aspectos linguísticos, com anotações sobre palavras, expressões e frases, mas também eles estão repletos de registros etnográficos sobre os grupos Xetá, que foram contatados na década de 1950 e ainda viviam na Serra dos Dourados, no início da década de 1960.

São registros sobre a organização da vida cotidiana dos Xetá como a alimentação, as brincadeiras das crianças, a preparação de instrumentos líticos, arcos, armadilhas de captura de animais e para proteção das aldeias de ataques de grupos inimigos, desenhos e apontamentos sobre o tamanho das aldeias, das moradias e instrumentos como pilões e machados. Sobre costumes sociais como as cerimônias de iniciação dos meninos e puberdade das jovens, e relações de parentesco e outros. As anotações trazem informações sobre as ervas terapêuticas para tratamento de doenças e alívios de sofrimentos causados por machucaduras. Registrou, ainda, narrativas Xetá sobre a origem da humanidade, dos ratos, o roubo do fogo e o mito do dilúvio⁵.

Parte das informações dos Cadernos de Campo e das gravações em áudio realizadas na Serra dos Dourados, o professor Aryon organizou em “fichas” datilografadas que ele selecionou para a publicação no projeto *Jane Rekó*, em 2010. Depois de selecionadas essas fontes, ele as organizou para publicação em ordem alfabética, como está na publicação “Cadernos de Campo Xetá”⁶.

Figura 01 – Capa do livro *Caderno de Campo Xetá* – publicado pelo Projeto Jané Rekó



5 Conforme informações contidas nos diários de campo do professor Aryon D. Rodrigues, quando da sua presença em Maringá na terceira Oficina Pedagógica realizada na UEM, de 24 a 26 de agosto de 2010, ele disponibilizou seus diários e seus fichamentos para escaneamento digital; depois de realizado, todo o material, em suporte papel, e os registros em mídia foram lhe devolvidos. O conteúdo do material contido nas fichas ele disponibilizou para publicação, e no material dos diários ele permitiu que fizéssemos anotações relacionadas às datas de sua estadia em campo, ao número de páginas e a temáticas coletadas, mas não do conteúdo.

6 Cf. Aryon D. RODRIGUES. *Caderno de Campo Xetá*. Maringá: Eduem, 2013.

Na apresentação dessa publicação, Aryon escreveu que optara por publicar as fichas como fontes para originais, sem interpretações, destinadas à preservação da memória dos antepassados dos Xetá.

A publicação que se segue consiste em parte das minhas notas de campo junto ao povo indígena Xetá, sobre sua língua, seus usos e costumes. O trabalho de campo foi realizado em um acampamento Xetá localizado na Serra dos Dourados, entre 1960 e 1962, e em 1967.

Optamos por publicar parte das fichas contendo as notas de campo. Cada ficha trata de um tópico específico da cultura Xetá, com referências linguísticas. A opção pela publicação das fichas originais, sem posterior interpretação ou análise, considerou a conveniência de reproduzir a atualidade dos fatos na década de 1960, por esta publicação destinar-se prioritariamente a fornecer aos descendentes do povo Xetá memórias de seus antepassados. (Rodrigues, 2013, p.7)

O conteúdo dos Cadernos de Campo 1 e 2, contendo as informações linguísticas, o professor Aryon utilizou em seus trabalhos sobre a língua dos Xetá. No entanto, salientamos que muitos dos dados etnográficos coletados pelo professor Aryon contidos nesses cadernos, ainda carecem de estudos mais especializados que aprofundem as explicações socioculturais da sociedade Xetá.

Além dos trabalhos de campo, o professor Aryon se dedicou, por um longo período, à coleta e registro de informações linguísticas e socioculturais com os Xetá. Um de seus principais colaboradores foi José Luciano da Silva, o *Tikuen*, que assim se apresentava:

[...] Eu sou da tribo Xetá. [...] Fui criado na Serra de Dourados. Nossa nação era bastante. Foi descoberto o grupo e dizem que o branco levou doenças. Metade e o resto se extraviou e ficou só nós. Fui tirado de lá com sete anos, junto com meu pai. Me formei na região de São Jerônimo. Meu primo e meu irmão no Rio das Cobras [...] Excerto do depoimento de *Tikuen*, feito na Universidade Estadual de Maringá no Evento: “A cidade e os povos indígenas – mitologias e visões” em 1998. (Mota, 2000, p.18)

Tikuen, conforme seus relatos e também pelos registros feitos por Silva (1998; 2003), nasceu na Serra dos Dourados e viveu com seu pai, *Nhengo*, até o ano de 1956, na Fazenda Santa Rosa, situada na Serra dos Dourados. De lá, foram levados por funcionários do SPI para o Posto Indígena Pinhalzinho – município de Guapirama, norte do Paraná, território habitado por indígenas Guarani Nhadewa.

Em 1966, após um problema de saúde e um longo período de internamento, *Tikuen* mudou-se para o Posto Indígena Laranjinha, município de Santa Amélia/PR, e, em seguida, retornou para Pinhalzinho. Lá se casou com Maria Conceição Pereira Martins, não indígena. Em 1985, *Tikuen* foi transferido para o Posto Indígena Queimadas, município de Ortigueira/PR. Posteriormente foi para o Posto Indígena São Jerônimo, onde permaneceu com sua família até a morte dele, em dezembro de 2005.

Durante todo esse período e as várias mudanças que fez após seus territórios terem sido vendidos e ocupados, *Tikuen* trabalhou em fazendas e lavouras da região, cuidou da família, contribuiu com pesquisadores e repassou inúmeros conhecimentos aos filhos que, juntamente com netos e demais parentes, têm dado continuidade à luta dele pela preservação da memória, língua, cultura e direitos do povo Xetá.

A participação do professor Aryon no projeto *Jané Rekó Paranhá* (O contar de nossa existência)

O projeto *Jané Rekó Paranhá* (O contar de nossa existência) - Programa Interinstitucional e Multidisciplinar de Pesquisa Sobre o Povo Xetá teve a participação de pesquisadores da UEM, da UnB/LALI, com os professores Aryon e Ana Suely Arruda Câmara Cabral, da antropóloga Carmen Lucia da Silva, professora da UFMT, da arqueóloga Claudia Inês Parellada, do Museu Paranaense, de técnicas/assessoras administrativas da SEED-PR e dos Xetá de comunidades indígenas no Paraná. Dentre as ações desenvolvidas, foram realizadas dez oficinas pedagógicas, entre abril de 2010 e dezembro de 2012, e o projeto, conforme cronograma da Capes/Ministério da Cultura, foi encerrado em 2014.

131

O professor Aryon, juntamente com a professora Ana Suely, participou e ministrou sobre a formação linguística em quatro oficinas. A primeira foi realizada no período de 14 a 16 de abril de 2010, na Terra Indígena São Jerônimo; a segunda, entre 4 e 6 de maio de 2010, ocorreu no Museu Paranaense em Curitiba; a terceira, foi realizada no período de 24 a 26 de agosto de 2010, na Universidade Estadual de Maringá⁷; e a quarta oficina também aconteceu na UEM nos dias 23 a 25 de novembro de 2011. As demais oficinas foram realizadas pelos membros da equipe, tanto em terras indígenas como no campus sede da UEM, e contaram, todas, com a massiva presença e participação do povo Xetá.

Os Xetá gerenciaram o projeto de forma própria, mobilizando parentes de várias regiões do Paraná, produzindo identificação visual para oficinas, com

7 Nessas três primeiras oficinas pedagógicas, o professor Aryon esteve acompanhado da professora Ana Suely Arruda Câmara Cabral do LALI/UNB, e, na sexta oficina, do linguista Sanderson Castro Soares de Oliveira, da UnB.

camisetas para todas as pessoas, jovens e adultas. Sugeriram temáticas que foram discutidas e participaram intensamente na confecção dos materiais didáticos.

Figura 02 – Registro da Terceira Oficina Pedagógica, realizada na UEM entre 24 e 25 de agosto de 2010. Acervo LAEE/UEM



Nessas oficinas pedagógicas, planejadas e executas pela UEM, em parceria com a SEED, o professor Aryon utilizou suas anotações de campo para apresentar, aos Xetá, o que tinha apreendido e registrado na Serra dos Dourados, repassando e rememorando com eles diversos aspectos da língua e cultura Xetá.

132

Os diálogos desenvolvidos nessas oficinas com filhos de *Tikuen*, alguns dos sobreviventes da Serra do Dourados, como (Maria Rosa), *Tigua* (Maria Rosa Brasil) e as novas gerações dos Xetá, filhos, sobrinhos e netos, com seus conhecimentos, experiências e memórias, propiciaram novas reflexões sobre os dados linguísticos coletados pelo professor Aryon que resultaram no Vocabulário Ilustrado Xetá, intitulado *Ñané Paranuhá hajkā pahá hatájnitej*, publicado em 2013 pela Editora da UEM.

Na apresentação do Vocabulário Xetá, o professor Aryon escreveu que esse material fora constituído com os dados coletados por ele

[...] junto aos remanescentes Xetá, os quais, na década de 1960 do século passado, viviam na fazenda Santa Rosa, no vale do rio Ivaí, época em que a língua Xetá ainda era plenamente falada pelo pequeno grupo sobrevivente ao extermínio que dizimou seus demais integrantes. (Rodrigues; Cabral, 2013, p. 01)

O professor Aryon explicou que, juntamente com sua colega de trabalho do LALI, a linguista Ana Suely, buscou respeitar a transição fonética original apesar de ter de substituir determinados símbolos com o intuito de facilitar a leitura e a escrita. A substituição de símbolos colaborou para que a escrita

das palavras se caracterizasse como parcialmente fonética e parcialmente fonêmica, para permitir que as palavras da língua Xetá fossem pronunciadas com fidelidade à sua pronúncia original (Rodrigues; Cabral, 2013).

O trabalho linguístico desenvolvido pelo professor Aryon e pela professora Ana Suely foram momentos de muita relevância e também de alegria, satisfação e aprendizado para os Xetá que participaram ativamente de todas as ações do projeto. O Projeto *Jané Rekó Pararuhá* foi emocionante para o professor Aryon, que, em diversos momentos, recordava os períodos em que estivera na Serra dos Dourados com os grupos Xetá que lá residiam em 1960 e 1961. Ele finalizou sua apresentação da obra escrevendo que espera que o Vocabulário

[...] organizado com a participação do povo Xetá, tanto no momento da coleta dos dados, há cinquenta anos, como nos momentos das oficinas em que se procurou rememorar a língua e cultura Xetá, junto aos remanescentes desse povo, seja o primeiro de uma série de materiais que alimentem a vontade indescritível e crescente desse povo de manter a sua identidade Xetá. (Rodrigues; Cabral, 201, p.02)

Esse primeiro Vocabulário, com cerca de 300 palavras e seus significados, foi ilustrado com desenhos feitos pelos Xetás de todas as idades, idosos, adultos, jovens e crianças que participaram das oficinas.

Figura 03 – Ilustrações feitas pelos Xetá para os materiais do Projeto *Jané Rekó*



Fonte: Projeto *Jané Rekó Pararuhá* (O contar de nossa existência): Programa Interinstitucional e Multidisciplinar de Pesquisa sobre o Povo Xetá. Ilustrações Xetá – materiais didáticos, 2011 (UEM).

Conforme os diálogos ocorriam nas oficinas, a partir do estudo de fontes e parte das anotações feitas pelo professor Aryon, em seus dois Cadernos de Campo que chegam a quase 200 páginas, somadas às inúmeras horas de

gravação que ele e Vladimir Kozak fizeram de conversas e cantos dos Xetá, na década de 1960, o povo Xetá agregava seus conhecimentos. Esse processo abre uma enorme janela para novas pesquisas sobre a língua e a cultura Xetá a serem realizadas pelas novas gerações dessa etnia e por linguistas interessados.

Figura 04 – Oficinas de formação e elaboração do Vocabulário Ilustrado Xetá



Ressaltamos que as narrativas Xetá sobre o mito do dilúvio, o roubo do fogo, a origem dos ratos e a origem da humanidade, que foram publicadas no Caderno de Campo Xetá (2013), às páginas 117 a 123, foram rememoradas pelo professor Aryon em uma das oficinas. Quando ele narrou as conversas que tinha tido com os Xetá na Serra dos Dourados sobre suas histórias antigas, os participantes Xetá das oficinas começaram a recordar as narrativas que tinham ouvido de seus pais, avós e outros parentes. A partir dessa memória coletiva, recontaram o que o professor Aryon tinha coletado há mais de 50 anos e passaram a produzir desenhos para ilustrar essas histórias.

A história do dilúvio foi renomeada de **A água grande – Ayu adjo**. A história do roubo do fogo, como **A história do fogo – Parannahá tata**, e as ilustrações foram publicadas no livro **Jané Reko Parannahá – Narrativa Xetá**.⁸

⁸ Há também as versões dessas narrativas contadas pelos Xetá para Carmem Lúcia SILVA, incorporadas em sua tese de doutorado, 2003.

MOTA, L. T
NOVAK, M. S. J.
FAUSTINO, R. C
*FORMAÇÃO DE
LIDERANÇAS
LINGUÍSTICAS
E PROFESSORES
INDÍGENAS XETÁ
NO PARANÁ: a
contribuição de
Aryon Dall'Igna
Rodrigues*

Figura 05 – Oficinas de escrita, reescrita e ilustração das Narrativas Xetá



A formação de professores, o fortalecimento da cultura e língua Xetá e o currículo escolar indígena no Paraná: mais um legado do professor Aryon Rodrigues

A educação escolar indígena, desde o final dos anos de 1980, com a promulgação da Constituição Federal de 1988, especialmente em seu art. 210, parágrafo 2º, em que ficou garantido que “O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem.” (Brasil, 1988), tem tido muitos avanços. A partir desse direito, foi sendo elaborada uma política educacional específica, diferenciada, intercultural e bilíngue para a educação escolar indígena (Faustino, 2006), com inúmeras leis infraconstitucionais e com políticas para a formação superior de professores indígenas (Novak, 2014).

Em atendimento a essa política educacional, o Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História da Universidade Estadual de Maringá (UEM) passou a desenvolver inúmeros projetos de pesquisa, ensino e extensão voltados à educação e formação indígena no Paraná. Em ações colaborativas

com os Xetá, desenvolveu o Projeto *Jané Rekó Pararuhá* (O contar de nossa existência): Programa Interinstitucional e Multidisciplinar de Pesquisa sobre o Povo Xetá, no período de 2010 a 2014.

Com a participação das demais etnias territorializadas no Paraná, entre 2010 e 2017, o LAEE desenvolveu o projeto Observatório da Educação Escolar Indígena, a partir da aprovação nos editais n.º 01/2009-Capes e n.º 49/2012-Capes. Em diálogo com lideranças e representantes Xetá, esse projeto selecionou indígenas Xetá participantes de formação pedagógica, o que lhes possibilitou, posteriormente, serem os primeiros professores Xetá a atuar em escolas indígenas.

Também atuando de forma colaborativa com os povos originários no Paraná, o LAEE/UEM passou a coordenar, desde 2013 até o período atual, o primeiro núcleo instituído no Paraná do programa Ação Saberes Indígenas na Escola (ASIE), pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (Secadi), do Ministério da Educação (MEC). No início desse programa, por não haver nenhum professor Xetá contratado pelo estado do Paraná com formação acadêmica, o LAEE/UEM elaborou uma nota técnica enviada à Secadi/MEC, por meio da qual foi possível a inserção de educadores Xetá como participantes.

O Projeto *Jané Rekó Pararuhá* (O contar de nossa existência): Programa Interinstitucional e Multidisciplinar de Pesquisa sobre o Povo Xetá, articulado a essas ações do LAEE/UEM e aos movimentos de lideranças indígenas, contribuiu para a inserção da língua Xeta nos currículos da Educação Escolar Indígena no Paraná. Isso só foi possível em razão da participação do professor Aryon na publicação dos materiais pedagógicos descritos acima.

Devido ao violento processo de expropriação vivenciado pelo povo Xetá em seu território, na Serra dos Dourados, com anuência de governos e ausência de ações efetivas para a demarcação dos territórios, os Xetá ficaram excluídos. Não tiveram acesso a escolas próprias. Com o apoio de lideranças Kaingang e Guarani, de direções escolares e de suas próprias lideranças, a partir das formações linguísticas por meio de projetos institucionais, foram constituindo espaços educativos Xetá.

Atualmente o povo Xetá da Terra Indígena São Jerônimo tem um representante político que não se intitula como cacique, mas como representante do povo Xetá, sendo o cacique Kaingang escolhido por eles, onde muitos fazem parte da liderança Kaingang, além do parentesco provindo dos casamentos interétnicos. (Gomes, 2022, p. 146)

No Colégio Estadual Indígena Cacique *Kofej*, a partir do ano de 2017, a língua Xetá foi inserida no currículo escolar e tiveram início a seleção e contratação de professores Xetá.

[...] em 2017 a língua Xetá passa a ser parte integrante da Matriz curricular do Colégio, motivo de muita satisfação para a comunidade que oferta todas as modalidades básicas de Ensino, com a oferta das línguas Kaingang, Guarani e Xetá, respeitando as particularidades da língua de cada etnia desde a Educação Infantil. (Gomes, 2022, p. 152)

Conforme o Projeto Político Pedagógico (PPP, 2023, p. 98) do Colégio Estadual Cacique *Kofej*, a língua Xetá tem a mesma carga horária que tem a língua portuguesa, língua Kaingang e língua Guarani. Dessa forma, observamos uma conquista e avanço da língua por meio da sua presença efetiva na escola, além de ser praticada, estudada e pesquisada, permanentemente, pelos Xetá.

Todos os jovens Xetá, que à época do projeto *Jané Rekó Paranhá* (O contar de nossa existência) tinham entre 13 e 18 anos, tornaram-se professores da educação básica indígena. Esses fatores têm contribuído com o fortalecimento da identidade Xetá na formação das novas gerações, na continuidade da luta pela demarcação dos seus territórios e no ressurgimento e reorganização de aspectos de sua cultura.

Considerações Finais

O texto procurou apresentar a trajetória do professor Aryon Rodrigues junto ao povo Xetá no Paraná. Primeiro, em seus trabalhos de campo, na Serra dos Dourados, na década de 1960, e, em um segundo momento, nas suas imprescindíveis ações no projeto *Jané Rekó Paranhá* (O contar de nossa existência), quando reencontrou os descendentes dos Xetá da Serra dos Dourados e deu continuidade a diversos aspectos linguísticos e etnográficos que tinha anotado 50 anos antes.

As políticas educacionais específicas e diferenciais que foram elaboradas a partir do final dos anos de 1980, com a Constituição Federal (Brasil, 1988) e no decorrer de toda a década de 1990, com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena (Brasil, 1994) e os movimentos sociais dos povos indígenas para a viabilização, na prática, dessa política, como, por exemplo, o encontro demandado pelos Xetá e ocorrido em 1996, no Paraná, inauguraram um período de consolidação da educação intercultural e bilíngue entre os povos indígenas.

Com a presença marcante dos linguistas professor Aryon, professora Ana Suely e do povo Xetá no projeto *Jané Rekó Paranhá* (O contar de nossa existência), foi possível um resultado efetivo em termos de pesquisa, extensão, formação humana e acadêmica para todos os participantes. Aprendemos com os Xetá e os ensinamos, em uma reciprocidade de convivência multidisciplinar,

na qual tivemos a oportunidade de trabalhar com o volumoso e significativo conjunto de fontes produzidas pelo professor Aryon.

A formação linguística ministrada pelos professores Aryon e Ana Suely no decorrer do projeto, articulada aos demais projetos do LAEE, como o Observatório da Educação Escolar Indígena (2010 a 2017), Ação Saberes Indígenas na Escola (2013 a 2025), que fizeram a formação pedagógica de professores indígenas no Paraná, possibilitou que o Povo Xetá desse continuidade aos estudos, pesquisas e práticas linguistas e culturais, fortalecendo sua cultura e língua.

Todos as pessoas Xetá que se tornaram professores da educação básica participaram dos projetos do LAEE/UEM, totalizando, na atualidade, na Terra Indígena São Jerônimo, oito professores indígenas da etnia Xetá.

Esses professores continuam participando de projetos de extensão coordenados pelo LAEE/UEM, como a Ação Saberes Indígenas na Escola, por meio da qual, seguem estudando, pesquisando e produzindo novos materiais pedagógicos, com autonomia e protagonismo. Esse é um legado que contou com a inteligência, sabedoria e compromisso social do professor Aryon Rodrigues junto aos povos originários. A ele, a nossa gratidão.

AMARAL, L. Estratégias para revitalização de línguas ameaçadas e a realidade brasileira. **Cadernos de Linguística**, [S. l.], v. 1, n.3, p. 01–44, 2020. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/251>. Acesso em: 12 maio. 2025.

BIGG-WITHER, T. P. **Pioneering in South Brazil. Three years of forest and prairie life in the Province of Paraná, in two volumes with map and illustrations**. London: John Murray, 1878

ELLIOT, John H. Itinerario de huma viagem de exploração pelos rios Verde, Itararé, Paranapanema, e os sertões circunjacentes mandado fazer pelo Exo Snr. Barão de Antonina em 1845. **Revista do Instituto Histórico Geográfico Etnográfico de São Paulo**, São Paulo, v. 28, p. 230-267, 1930.

FAUSTINO, R. C. **Política educacional nos anos de 1990: o multiculturalismo e a interculturalidade na educação escolar indígena**. 2006. 329 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

FAUSTINO R. C.; et al. **Jané Reko Paranhá – Narrativa Xetá**. Maringá: Eduem, 2013.

FRIC, A. V. **Indiáni Jézni Americy**. Praha: Panorama, 1943.

139

GOMES, Alline Gonçalves Proença. **Gestão e organização da escola indígena na construção do currículo intercultural, interdisciplinar e multilíngue**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Maringá. 2022.

MOTA, Lucio Tadeu (org.). **As cidades e os povos indígenas: mitologias e visões**. EDUEM, 2000

_____. **Os Xetá no vale do rio Ivaí 1840 - 1920**. 1. ed. Maringá: Eduem, 2013. v. 1000. 209p.

_____. A invasão dos territórios do povo Xetá na Serra dos Dourados/PR em meados do século XX. **Diálogos (On-line)**, v. 21, p. 4-25, 2017.

MOTA, Lúcio Tadeu; FAUSTINO, Rosangela Célia. **O SPI e os Xetá na Serra dos Dourados - PR: acervo documental 1948 a 1967**. 1. ed. Maringá: Eduem, 2018. 425p.

NOVAK, Maria Simone Jacomini. **Os organismos internacionais, a educação superior para indígenas nos anos de 1990 e a experiência do Paraná: estudo das ações da Universidade Estadual de Maringá**. 342 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2014.

PARANÁ. CACIQUE KOFÉJ. Colégio Estadual Indígena. **Projeto Político Pedagógico (PPP)**. Terra Indígena São Jerônimo. São Jerônimo da Serra – Pr. 2023.

RODRIGUES. Aryon Dall’Igna. Reminiscências de Loureiro Fernandes. **ARQUEOLOGIA: Revista do Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná**, Curitiba, 2005, n.3, p.53-62.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Caderno de Campo Xetá**. Maringá : Eduem, 2013.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna; et al. **Vocabulário Ilustrado Xetá Ñané Paranhá hajkã pahá hatájnitej**. Maringá : Eduem, 2013.

SILVA, Carmen Lúcia da. **Sobreviventes do extermínio: uma etnografia das narrativas e lembranças da sociedade Xetá**. 1998. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

SILVA, Carmem Lúcia. **Em busca da sociedade perdida: o trabalho da memória Xetá**. 2003. 279 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília. 2003.

UNESCO. **Vitalidad y peligro de desaparición de las lenguas**. Paris, 2003. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000183699_spa Acesso em: 19 de jan. de 2025

VASCONCELOS, Eduardo Alves. **Aspectos Fonológicos da Língua Xetá**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística – UnB. 2008. Disponível em: <file:///F:/Projetos/Capes/Pro%20Cultura/Textos%20e%20Teses/03E408DAd01.pdf> Acesso em: 25 de jan. de 2025